

**FACONNECT – PÓLO A CASA TOMBADA**

**NARRADORAS DE HISTÓRIAS NEGRAS:**

**Retomando o vôo das minhas iyá mi**

**SILVANÍ MARIA DA SILVA**

SÃO PAULO

2020

**SILVANÍ MARIA DA SILVA**

**NARRADORAS DE HISTÓRIAS NEGRAS:**

**Retomando o vô das minhas iyá mi**

**Trabalho de Conclusão de Curso de pós-  
graduação lato sensu 'A arte de contar  
histórias'.**

**Orientador: Prof. Dr. Giuliano Tierno de  
Siqueira**

**SÃO PAULO**

**2020**

## **RESUMO**

Este trabalho tem um caráter autobiográfico, no sentido de querer revelar minha necessidade de encontro com a minha ancestralidade feminina negra e, assim, entender melhor o meu percurso enquanto narradora de histórias. Ao mesmo tempo pretende trazer à tona as mulheres negras narradoras de histórias, aqui representadas pelas Mães Pretas e as Akpalôs. Essenciais na luta contra a escravização, reafirmo-as como entidades fundamentais para a criação do imaginário brasileiro e para a propagação e resistência das culturas africanas no período colonial. Trago também as mulheres migrantes nordestinas, em sua maioria negra, apresentando-as como agentes formadoras das periferias e propagadoras da tradição oral na cidade de São Paulo, através das histórias, músicas, brincadeiras cantadas, etc. Por fim, chego a minha atuação enquanto narradora de histórias, identificando a herança da minha ancestralidade africana, presente no meu corpo-voz e nas histórias que narro.

**Palavras - chave: Narração; Mães Pretas; Akpalôs; Mulher negra.**

## INTRODUÇÃO

*“Tudo o que somos e tudo o que temos,  
devemos somente uma vez ao nosso pai,  
mas duas vezes a nossa mãe.”*

*(ditado malinês)*

Sou a filha do meio de uma família patriarcal. Cria das periferias da cidade de São Paulo, fui impulsionada para o centro por uma mulher semi-analfabeta que, impedida de estudar por um núcleo familiar machista e autoritário, conseguiu voltar à escola somente na vida adulta. Sua mãe, minha avó, também vivenciou esse mesmo problema. Assim como todas as outras que vieram antes dela, vítimas de um sistema colonialista e escravagista. Sou uma das primeiras, na minha ancestralidade feminina, a conseguir sair das bordas em que até hoje tentam jogar as mulheres negras. Neste processo de autorreconhecimento, foi fundamental mergulhar nas histórias de algumas mulheres da minha família, desenterrar algumas de suas memórias e produzir outras narrativas e, o mais importante, dar voz a estas narrativas. Também foi necessário encurtar o vão que existia entre mim e figuras simbólicas da tradição oral africana e afrobrasileiras – aqui representadas pelas Akpalôs e as Mães Pretas.

Este trabalho representa um debruçar-me sobre elas e, ao mesmo tempo, um debruçar-me sobre mim. Enquanto escrevo, me inscrevo. Enquanto escrevo, recupero “nossa história escondida” (Kilomba, 2019, p. 27). Tiro-nos do lugar de silenciamento. Para isso, ensaio uma linha do tempo, no qual revelo os vãos dados, a fim de trazer a tona o feminino negro que ajudou a parir a narradora de histórias que sou. São muitas mulheres, nenhum registro em cartório seria capaz de guardar o nome de todas. Então as chamo Iyá Mi - mito africano da tradição iorubá que abordo brevemente com a intenção de explicar a escolha do título deste trabalho.

Em seguida, trago a imagem da Mãe Preta, reafirmando-a não como um símbolo da mulher escravizada passiva, mas como símbolo da mulher mantenedora

da vida de crianças brancas e negras. Mulheres que propagavam as histórias de seus povos.

No terceiro vôo resgato as Akpalôs, antigas contadoras de histórias dos solos africanos que, mesmo escravizadas, percorriam os engenhos brasileiros contando histórias, ajudando a preservar os saberes, os mistérios e culturas de seus povos. Importante dizer que, tanto as Mães Pretas quanto as Akpalôs estão presentes nesse trabalho como um esboço, na tentativa de delinear momentos históricos em que mulheres negras foram silenciadas em sua potência narradora e jogadas a margem.

Um salto de quase 300 anos antecede o vôo que me leva à minha mãe biológica. Revelo-a como uma contadora de histórias tradicional. Uma mulher que dominava a palavra oral, e que em sua migração do agreste de Pernambuco para a cidade de São Paulo, trouxe consigo muitas histórias, músicas e brincadeiras cantadas.

E afinal chego a mim e a minha necessidade de desmontar, cada vez mais, minha formação eurocêntrica. Durante todo o texto exponho memórias/ histórias pessoais que foram acionadas em mim durante a escrita, na crença de que cada vida carrega infinitas possibilidades de narrativas que podem ressoar em outras vidas.

Dentre tantas e tantos que me ajudaram nessa travessia destaco as autoras Grada Kilomba, Chimamanda Ngozi Adichie e Ana Maria Gonçalves. A primeira ampliou minhas percepções sobre memória, racismo e o conceito de sujeito. A segunda fortaleceu o pensamento de que todas as histórias devem ser contadas, e preferencialmente, por quem as viveu. E a terceira me inspirou a escrita em primeira pessoa, sem, no entanto, perder o olhar histórico, coletivo.

Minha história não é uma história isolada. É a história de muitas.

## PRIMEIRO VÔO: RETOMANDO O VÔO DAS MINHAS IYÁ MI

O nome deste trabalho faz referência, e reverência, a um dos mistérios da religiosidade africana. As Iyá Mi, que em iroubá significa “Mãe”, e representam nossa ancestralidade feminina coletiva.

Segundo a cosmogonia africana, no princípio de tudo, céu e terra viviam juntos dentro de uma cabaça. Mas, numa disputa de poder, os dois acabaram rompendo a cabaça e foi cada um para um extremo, criando dois pólos completamente distintos. Santos (2008, p. 67)

*“um construtivo (axé) e outro destrutivo (Iyá Mi). Esse mito também representa o jogo de poder entre o masculino e o feminino, o patriarcado e o matriarcado lutando pelo controle da comunidade. Em última instância, a luta entre a ordem social e o caos primitivo.”*

As Iyá Mi são velhas feiticeiras e não orixás. São as primeiras mães da humanidade. Sábias, com experiência de vida, conseguem manipular a vida para o bem e para o mal, trazendo equilíbrio ao mundo.

É essa completude feminina que invoco neste trabalho. O poder de anunciação, que é uma característica presente nas narradoras de histórias; a coragem de ser quem se é; a mesma coragem que minhas antepassadas carregaram em si quando resolveram não se calar. E a preservação da vida, entendendo que a morte faz parte dela.



Fig. 1 As Iyá Mi. Ilustração de Pedro Rafael

## SEGUNDO VÔO: AS MÃES PRETAS

*A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.*

*Conceição Evaristo*

Muito tarde comecei a me alimentar de suas histórias, cedo me foi negado o direito de conhecê-las. Conheci-as apenas na vida adulta, apresentadas como seres dóceis, mansos, cordiais e, muitas vezes, sexualizados. Há quem diga que criavam os filhos das senhoras afetuosamente, atuando ativamente na criação de um país sem racismo e com poucos conflitos. A Mãe Preta da democracia racial - imagem determinante para a propagação da idéia de um Brasil mais harmônico - pensamento que vigorou fortemente entre as décadas de 1930 e 1950. E há quem diga que esse pensamento era mais uma dentre tantas máscaras do racismo, já que colocava essas mulheres num lugar de total subserviência. De minha parte, tento me colocar no lugar delas, e me pergunto: Como ser mansa quando, enquanto alimento os filhos dos meus escravizadores, meus próprios filhos estão sendo vendidos ou sofrendo de inanição? Cascudo (1984, p.153) diz que,

*No Brasil depressa a velha indígena foi substituída pela velha negra, talvez mais resignada a ver entregue ao seu cuidado a ninhada branca do colonizador. Fazia deitar as crianças, aproximando-as do sono com as estórias simples, transformadas pelo seu pavor, aumentadas na admiração de heróis míticos da terra negra que não mais havia de ver.*

Resignada? Demoro-me nessa pequena palavra e também no final da frase “terra negra que não mais havia de ver”. Intuo a intensidade com que essas mulheres contavam suas histórias, muito menos para agradar as crianças e muito mais para deixarem vivas suas memórias. Compartilho do pensamento de Lélia Gonzalez, antropóloga e feminista negra, quando ela tenta quebrar os estereótipos criados em torno da Mãe Preta, para colocá-la num lugar de resistência construída pela mulher negra.

Louvo essas mulheres que viram seus corpos serem tratados como objetos, mas que não sucumbiram. Desejo livrá-las desse imaginário taticamente imposto pelos brancos de ‘amor incondicional’, ou de ‘traidoras dos seus povos’ como foram

acusadas muitas vezes. Desejo despertar outros imaginários sobre essas mulheres que, conscientemente ou não, nos deixaram a riqueza que das histórias de matrizes africanas.

As histórias e canções de ninar dos povos europeus também foram modificadas por elas que, diante de suas novas realidades, iam “alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas” (Freyre, 410). Como se a miscigenação das histórias se dessem ao mesmo tempo em que acontecia a miscigenação dos corpos étnicos.

Quando foram escravizadas, as mulheres negras viram transformadas não apenas suas histórias, mas também suas experiências com a maternidade e a maternagem. Viram seus corpos serem mercantilizados a partir da sua capacidade reprodutora. Corpos estuprados que geravam filhos e filhas com o vil objetivo de gerar lucros para seus escravizadores. E até mesmo o ato de amamentar não as tornava melhores aos olhos dos seus opressores, pelo contrário, lhes conferia menos humanidade, já que a serventia dos seus corpos se resumia em ‘o quanto podiam reproduzir e alimentar’. Que tipo de história poderia surgir de um corpo que sofre tamanha violência?



Fig. 2 Mãe Preta. Óleo sobre tela de Lucílio de Albuquerque, 1912.

Hoje, em pleno século XXI, muitas mulheres negras ainda representam esse papel. Cedo do dia são obrigadas a deixar seus filhos em creches integrais para cuidarem dos filhos dos patrões. Ainda “(...) ocupam um quarto (quando tem) no fundo da casa” (Silva, 2013). Lembro de ter assistido um episódio, num espaço de brincar da rede Sesc, em que uma babá apresentava o espaço a outra como sendo ‘o paraíso das babás’, porque ali podiam descansar enquanto as crianças dos patrões brincavam. E outro episódio em que uma dessas babás me perguntou se poderia levar seus filhos de mesma idade para brincar ali, e após minha afirmação, saiu toda feliz em poder dar aquela alegria aos filhos. Essas cuidadoras brincam cotidianamente com os filhos dos seus senhores, enquanto acalentam a vontade de estar com os seus.

Grada Kilomba (pág. 142) descreve muito bem essa realidade quando diz que

*essa imagem da mulher negra como “mãe” vem servindo como um controle de “raça”, gênero e sexualidade. E que a “mãe negra” representa a relação ideal de mulheres negras com a branquitude: como amorosa, carinhosa, confiável, obediente e serva dedicada, que é amada pela família branca.*

Mas, felizmente, muitas mães pretas conseguem, todos os dias, romper esse encarceramento a que foram submetidas. Ousam narrar suas histórias e de suas antepassadas. Buscam seus direitos de exercerem a maternidade, cuidando das suas filhas e filhos pretos.

### **TERCEIRO VÔO: AS AKPALÔS**

Akpalôs. Por onde andaram no período do Brasil escravocrata? Em que livros foram eternizadas? Continuaram a contar histórias quando ocorreu a dita libertação das escravizadas e escravizados? O silenciamento é o vão que não me deixa chegar até vocês. Mas desconfio: hão de estar escondidas nas histórias que me foram contadas na infância, nas canções de roda, no barro que me ensinaram a moldar. Quando encontrá-las, minhas antigas, e à suas histórias, farei como as mulheres malungas. Construirei pequenos patuás que carregarei comigo e as

deixarei guardadas para sempre bem rente ao meu corpo. Por enquanto, o que me resta são apenas vestígios de suas existências.

A primeira vez que ouvi falar sobre as Akpalôs - fazedoras de contos, foi pela voz do escritor Michel Yakini numa aula na A'Casa Tombada. Foi como se meu corpo tivesse sido tomado por inteiro ao imaginar essas mulheres e homens, que se colocavam em risco para manterem-se vivos e à suas histórias.

Em Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre faz uma breve referência sobre mulheres que saíam de engenho e engenho contando histórias para outras mulheres pretas (p.413)

*Há o akpalô fazedor de alô ou conto; e há o arokin, que é o narrador das crônicas do passado. O akpalô é uma instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar histórias. Negras que andavam de engenho em engenho contando histórias a outras pretas, amas dos meninos brancos.*

Sempre imagino que elas contavam seus alôs, ou seja, suas histórias, como forma de resistência, numa tentativa de não deixar morrer a cultura de seus povos.

Cascudo também faz referência a elas em seu livro 'Literatura Oral no Brasil' e às suas histórias de bichos que carregavam grandes ensinamentos (1984, p.152) "Toda a África ainda mantém seus escritores verbais, oradores das crônicas antigas, cantores das glórias guerreiras e sociais, antigas e modernas, proclamadores das genealogias ilustres. São os akpalô kpatita, ologbo, griotes". E segue, "de geração em geração, mudando de lábios, persiste a voz evocadora, ressuscitando o que não deve morrer no esquecimento".

Eram mulheres andantes, não contavam dentro de um contexto doméstico como as amas de leite. Faziam elaborações estéticas para as suas histórias e as comercializavam, como nos revela o capítulo em que Gonçalves (p. 81) nos apresenta a personagem Negra Florinda como uma mulher idosa e sabedora de muitas histórias. Na descrição mais bela que encontrei sobre as akpalôs, ela segue dizendo que a anciã era uma recontadeira que,

*andava de casa em casa e recebia algum dinheiro ou mesmo sobras de comida, que aceitava de bom grado antes de se agachar em qualquer canto e contar histórias. E que além de dizer alô muito bem, também batia palmas ritmadas antes de começar e durante a narração, para ajudar a fazer suspense.*

Como essas mulheres, seres essenciais para ajudar-nos a entender a formação do nosso povo, sumiram do mapa? Porque existem pouquíssimos escritos sobre elas nos livros que falam sobre a história do nosso país?

Chimamanda Ngozi Adichie, em *O perigo da história única* (p. 22/23) nos aponta a impossibilidade de falarmos sobre as histórias que nos são contadas sem falarmos sobre as relações de poder. Diz que esse “poder não é apenas a habilidade de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. Ou seja, quem conta a história a recria a partir da sua própria intencionalidade, e muitas vezes, a intenção de quem conta é silenciar a outra pessoa, ou pior, fazer com que a outra pessoa acredite que não tem direito a fala.

Nesse momento, tento acionar minhas próprias memórias com a intenção de encontrar vestígios das akpalôs na minha própria história. Estarão nas benzedadeiras, nas mãos de santo e em todas as mulheres que continuam guardando os segredos das histórias dos povos negros?

#### **QUARTO VÔO: MULHERES MIGRANTES NORDESTINAS**

*Não houve menino pernambucano que do fim da era colonial até o princípio do século XX – o século da luz elétrica, que acabou com tanto mal-assombrado bom, para só deixar os banais, das sessões de esperitismo – não tremesse de horror ao ouvir o nome de Cabeleira. A negra velha só tinha de gritar para o menino chorão: “Cabeleira vem aí!” (G. Freyre, 412)*

Século XX – 1948. Sessenta anos depois de assinada a lei áurea, nasceu minha mãe: Severina Maria da Silva, mesmo período em que Gilberto Freyre escreveu *Casa Grande & Senzala*, grande referência para a idéia de que o “Brasil era um país caracterizado pela miscigenação e por uma convivência racial harmônica que foi sendo cada vez mais celebrada” (Dantas, pág. 94).

---

Penso que essa idéia, mesmo que de forma inconsciente, seja um dos responsáveis pelo fato de minha mãe nunca ter falado conosco sobre sua negritude. Sua imagem no espelho: cabelos lisos e pele declaradamente parda sempre a aproximaram muito mais da sua ascendência indígena. O *catolismo* também foi determinante para distanciá-la da sua ancestralidade negra.



Fig. 3 Minha mãe é a primeira à direita segurando a afilhada no colo e eu logo abaixo, a frente do meu pai, na Catedral de Nossa Senhora Aparecida do Norte.

---

Em 1969, minha mãe, assim como outras tantas mulheres, transferiu-se de margem. Migrou do agreste, periferia de Pernambuco, para São Miguel Paulista, periferia da cidade de São Paulo. Trouxe consigo muitas histórias de assombrações que viviam nas matas, histórias de mulheres indígenas de sua família que tinham sido caçadas a laço, de cangaceiros que capturavam mulheres, de noivados à distância com promessas de volta não cumprida. Trouxe brincadeiras cantadas e

construções de brinquedos que eram sempre feitos ao som de uma música ou de uma história. Trouxe toda a riqueza oral transmitida de geração em geração, vindas da sua ancestralidade negra e indígena.

Como a maioria das mulheres moradoras das periferias do nordeste, minha mãe não conhecia os grandes centros urbanos, o que de alguma forma ajudou-a a preservar todos esses saberes. E mesmo quando chegou a São Paulo, bem jovem, durante muito tempo só ocupou a margem da cidade, geografia a que os corpos negros são empurrados desde o período colonial.

A herança da cultura oral trazida pelas mulheres migrantes nordestinas foi fundamental para a construção das periferias paulistanas e podemos enxergá-la nos imaginários das pessoas que ainda ocupam esses lugares. Minha mãe logo se sentiu pertencente a essa outra periferia, muito parecida com a que tinha deixado. E mais, nesse novo-velho espaço, ela reproduziu muitas características do seu local de origem, como as construções das casas, por exemplo.

As mulheres negras periféricas até podiam ocupar o centro, mas apenas para trabalhar, geralmente em empregos automatizados e alienantes, com a única condição de que voltassem às margens no fim do dia. Intuo que a necessidade em trabalhar numa dessas funções foi um dos motivos que fez com que minha mãe deixasse de contar suas histórias de origem.

De segunda a sexta-feira, ela saía de casa sem que o dia tivesse amanhecido e assim garantir um espaço no transporte público lotado, atravessava a cidade para chegar ao seu local de trabalho e sentada em frente a uma máquina de costura, executava os mesmos movimentos, hora após hora. Essa forma de subsistência oferecida às mulheres negras até os dias de hoje, transformou o modo como ela se relacionava com o seu corpo brincante, com sua oralidade.

## **QUINTO VÔO: EU NARRADORA**

1976. Oitenta e oito anos depois da lei que decretava o fim da escravização, eu nasci.

Desde criança vi minha aparência física ser definida por pessoas brancas, ou autodeclaradas pardas. Tive uma vizinha, branca, que sempre puxava meus lábios para ver minhas gengivas e emitia falsos espantos por ela ser “tão pretinha”. Na vida adulta tive uma professora universitária que insistia em me dizer que eu era “uma mistura que deu certo”, se referindo à miscigenação das raças, e à minha “sorte” em não carregar no meu fenótipo os lábios grossos e nariz largo, comuns a minha ancestralidade africana.

Eu sempre demonstrava incômodo nessas situações, pois ao agirem assim elas me tiravam do lugar de sujeito e me colocava no lugar de objeto, no sentido que explica Kilomba (2019, p.28, **apud hooks, 1989, p.42**) quando diz que “sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”.

Ao mesmo tempo em que tentavam tirar minha subjetividade, também demarcavam seus racismos dissimulados.

Ter nascido e crescido a margem me ajudou a ver as coisas de forma mais ampla. Lembro que, quando criança, não entendia a separação dentro do meu próprio bairro em “o lado de cá” e “lado de lá” do trilho do trem. Mal sabia que minha consciência sobre o conceito de *apartheid* só cresceria e que esse trilho de trem seria uma ótima metáfora para entender a intencional segregação dos corpos negros, pardos e pobres. Que ouviria muitas vezes a frase “você nasceu onde?” - como se a cidade de São Paulo se resumisse a região central e só gerasse um corpo específico, o corpo branco.

A periferia que ocupo é a mesma que minha mãe ocupava, apesar de ter mudado muito, geograficamente falando. Contrariando e desconstruindo os estereótipos criados em torno das periferias, os artistas que compõem a “margem” apresentam um lugar cheio de complexidades, pois nele habitam pessoas que estão dentro e fora ao mesmo tempo; um lugar gerador de conhecimentos cognitivos e empíricos.

Foi nesse lugar que comecei a narrar histórias, tendo como inspiração as histórias que eu ouvia dentro de casa, contadas por minha mãe e meu tio Zé Badú. Carregando o imaginário vindo dos livros de literatura que minha mãe comprava de

um vendedor ambulante, que logo substituí por outros que narrassem melhor minha própria existência.

Muitas vezes, ao performar uma história num espaço público, me questionei sobre como as pessoas percebiam meu corpo negro atuando. Quais histórias esperavam que meu corpo narrasse? Quais estereótipos?

Sou livre para escolher as histórias que quero contar, tanto quanto para escrever minhas próprias histórias.

Kilomba (p. 237) diz que o sujeito negro, em seu processo de descolonização, “inicia uma série de identificações consecutivas com outras pessoas negras: suas histórias, suas biografias, suas experiências, seus conhecimentos, etc”. Acrescento a essa fala, as histórias africanas e afro-brasileiras como fundamentais para o meu próprio processo.

Localizo e nomeio tempo e lugar de origem das histórias que conto, pois isso me conecta a minha própria negritude. Carrego no meu corpo-voz a herança das minhas mães primeiras. Clamo por narrá-las com toda liberdade.

## **CONCLUSÃO**

*A pessoa humana é constituída em meio à dinâmica eu/outro. Assim, a idéia que o sujeito faz de si é também construída pelo olhar reconhecedor do outro.*

*(Santos, Miriam. P. 11)*

Esta escrita me oportunizou um (re) encontro comigo mesma e com minha ancestralidade feminina negra. Algumas memórias estavam tão escondidas que cheguei a duvidar que fossem minhas.

Vivi uma experiência coletiva. A cada obra lida, que mencionava outra, que por sua vez mencionava outra, construía dentro de mim a imagem de muitas mulheres negras de mãos dadas. Como se, tal qual uma brincadeira de criança, uma soprasse no ouvido da outra palavras de força. Rezas mandingas para que a outra não sucumbisse.

Meu desejo inicial era trazer à tona as Akpalôs e descobri que, assim como elas, gosto da rua, dos espaços externos. Assim como elas, vejo no ato de narrar uma forma de resistência e de sobrevivência.

Neste percurso de leituras e escritas me flagrei olhando com outros olhos as mães pretas escravizadas. Desejando tirá-las do lugar de total subserviência a qual foram colocadas e construir outros imaginários sobre elas.

Quais histórias as bocas das mães pretas contemporâneas evocam? Dessa pergunta surgiu o desejo, colocado em ação, de ouvir mulheres migrantes nordestinas, em sua maioria negra, moradoras da periferia onde moro e estudantes da escola onde leciono.

Quando converso com estas mulheres, quando escuto suas histórias de vida, suas memórias, vejo o quanto a oralidade é pulsante nelas. Percebo o quanto estão ligadas, mesmo que inconscientemente, àquelas mulheres negras que forçosamente foram jogadas no nordeste brasileiro. Suas histórias, infelizmente, ainda falam sobre filhos perdidos, abandonos e solidão. Mas também falam sobre recomeço, sobre resistência e sobre amor.

Sinto-me mais forte ao finalizar essa escrita. E ao mesmo tempo consciente de que esta travessia está apenas começando.

Sou grata às minhas Yιά Mi por me permitirem voar com elas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M.; DANTAS, C. V.; MATTOS, H. (Org). **O negro no Brasil: Trajetórias e lutas em dez aulas de história.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única.** 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BÂ, A. H. **Amkoullel, o menino fula.** 3ª edição. São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.** 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, L. C. **Literatura Oral no Brasil.** 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor.** 21ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala.** 49ª edição. São Paulo: Global, 2004.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.

LIMA, H. P.; HERNANDEZ, L. L. **Toques do Griô: Memórias sobre contadores de histórias africanos.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## ARTIGOS

ASANTI, Molefi Kete. "Raça na Antiguidade: Na verdade, provém da África". In: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2015/09/rac3a7a-na-antiguidade-na-verdade-provc3a9m-da-c3a1frica-molefi-asante.pdf>. Acesso em: 22/07/2019.

SANTOS, Irineia Maria Franco. “Iá Mi Oxorongá: As Mães Ancestrais e o Poder Feminino na Religião Africana”. In: <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88730>. Acesso em: 28/07/2020.

## TESES

SANTOS, Miriam Rosa dos. “Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negra”. In: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03102014-113719/pt-br.php>. Acesso em: 22/07/2019.

SILVA, Maria de Lourdes. “Enfrentamentos ao racismo e discriminações na educação superior: Experiências de mulheres negras na construção da carreira docente”. In: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2314/5412.pdf?sequence=1>. Em: 30/07/2019.

## IMAGENS

**Figura 1:** Retirada do livro Mitologia dos Orixás, de Reginaldo Prandi. Ilustração de Pedro Rafael (p.347).

**Figura 2:** Retirada de <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3242/mae-preta>.

**Figura 3:** Acervo pessoal.